DA VIOLÊNCIA SOCIAL À VINGANÇA DA NATUREZA: ENTREVISTA COM A ESCRITORA SINARA FOSS

FROM SOCIAL VIOLENCE TO NATURE'S REVENGE: AN INTERVIEW WITH THE WRITER SINARA FOSS

DE LA VIOLENCIA SOCIAL A LA VENGANZA DE LA NATURALEZA: ENTREVISTA CON LA ESCRITORA SINARA FOSS

Lucas Matheus da Silva de Carvalho[1]
Cláudia Cristina Ferreira[2]

APRESENTAÇÃO

Sinara Gislene Foss, conhecida literariamente como Sinara Foss, é uma artífice de mundos onde o regional e o universal colidem. Natural do interior do município de Santo Antônio da Patrulha–RS, geografia que reverbera na construção de seu *topos* fictício, a autora não é apenas uma narradora intuitiva, mas possui um robusto lastro acadêmico que sustenta sua criação. É graduada em Letras (Tradutor e intérprete: inglês e alemão) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), especialista em Literaturas de Língua Inglesa e em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestra em Letras, com ênfase em Literaturas de Língua Inglesa, pela mesma instituição. Atualmente, alia a escrita à docência e à gestão de sua escola de idiomas, *English Place*, em sua cidade natal.

Figura 1 – Sinara Foss



Fonte: arquivo pessoal da autora

Sua trajetória literária revela uma interessante inflexão temática: se sua estreia com

[1] Universidade Estadual de Londrina, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2799-3255
[2] Universidade Estadual de Londrina, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4605-3733.

Memórias de um cachorro velho (1996) denotava uma sensibilidade voltada à causa animal e às vulnerabilidades sociais, sua produção contemporânea, marcada por obras como *Plural de Fêmeas* (2021), *Fotossíntese* (2023) e contos publicados em meios digitais como *Gólgota; pequenos pesadelos* (2021) e *Massacre* (2022), mergulha no insólito e no horror. Foss utiliza o medo não como fim, mas como linguagem para expressar os conflitos do ser humano contemporâneo (Carvalho; Antuniassi, 2024). Sua escrita dialoga com a tradição do gótico sulista e o realismo mágico, mas imprime uma marca autoral por usar a vingança como mecanismo de justiça e resistência. Nesse sentido, a ficção de Foss exemplifica o que Faria e Barbosa (2020), em estudo publicado nesta revista, identificam como o poder da literatura para interrogar discursos dominantes e atuar como espaço de "resistência e rupturas", especialmente no que tange às representações de gênero e às ambiguidades do discurso.

Além de seu valor estético, a obra de Foss apresenta uma profícua possibilidade pedagógica e formativa. Ao levar para o debate narrativas que entrelaçam o insólito a questões urgentes, como o feminicídio e a crise climática, abre-se caminho para um letramento literário crítico. A leitura de seus contos no ensino superior e/ou na educação básica desafia o estudante a confrontar a naturalização da violência, promovendo uma educação literária que não se furta ao debate social, alinhando-se às demandas do ensino contemporâneo e à formação de leitores reflexivos.

A realização desta entrevista justifica-se, portanto, pela singularidade dessa voz que une o rigor da formação acadêmica à visceralidade do horror social (Ferreira; Trevisan, 2024), vertente do insólito que conjuga elementos do horror com matizes de denúncia e crítica social, ou seja, o insólito ficcional é pano de fundo para lançar luz sobre questões atuais ou atemporais e, assim, expor problemáticas da nossa realidade extratextual, chamando o leitor para a conscientização e, consequente, ação. O diálogo a seguir busca compreender como essa intelectual e ficcionista articula as tensões entre o patriarcado e o protagonismo feminino, em um momento em que a crítica literária se volta avidamente para as novas cartografias do medo na América Latina.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Se o horror, como efeito estético, funciona como um sismógrafo das ansiedades de seu tempo, a obra de Sinara Foss capta uma vibração específica do contemporâneo: a vingança feminina. Inserida na profícua linhagem do gótico sul-brasileiro, a autora tem se firmado como uma artífice do incômodo. Ao edificar a geografia imaginária de Vinha d'Alho, Foss não apenas dialoga com a tradição do insólito, mas reconfigura a gramática do assombro ao deslocar o eixo

da violência: do doméstico para o ecológico.

Diferentemente das manifestações na cultura de massa, onde a reparação emocional, muitas vezes, encerra-se no indivíduo, na prosa de Foss, o revide assume uma dimensão coletiva. É nessa cartografia de tensões que a literatura da autora lança suas raízes, utilizando o insólito não como rota de fuga, mas como lente de aumento para as estruturas de opressão. Sua narrativa sugere que, quando o corpo da mulher e o corpo da terra são violados, a resposta da natureza é invariavelmente monstruosa.

Esta entrevista, realizada por correio eletrônico em outubro de 2025, nasce do projeto de pesquisa "Representações da mulher em narrativas insólitas contemporâneas: da invisibilidade ao protagonismo", vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL) e coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Cristina Ferreira. Metodologicamente, trata-se de uma entrevista semiestruturada realizada via correio eletrônico, cujos dados foram submetidos à análise qualitativa e triangulação teórica. O diálogo aqui estabelecido busca escrutinar a arquitetura desse universo ficcional, dissecando as nuances entre a subjetividade feminina e a força incontrolável do biológico. Mais do que uma exposição de temas, a conversa situa a recepção crítica da obra de Foss na confluência teórica entre o ecofeminismo (Knapp; Brezolin, 2024) e as modulações do insólito ficcional (Matangrano; Tavares, 2019; Ferreira; Trevisan, 2024a, 2024b; Nestarez, 2022), demonstrando como a ficção pode servir de trincheira estética em tempos de barbárie.

ENTREVISTA

Entrevistadores: Sinara, ao nos debruçarmos sobre a cronologia de Vinha d'Alho, notamos um deslocamento da violência. Na coletânea *Plural de Fêmeas* (2021) a vingança funcionava como uma resposta epidérmica e visceral à violência patriarcal doméstica, em *Fotossíntese* (2023) a escala parece ter se ampliado. Não é mais apenas a mulher que revida, mas a própria biologia que se insurge. Você percebe esse movimento, do horror social para uma espécie de horror ecológico, como uma expansão deliberada do seu projeto literário, ou essa "fúria verde" já estava latente nas fundações de sua escrita?

Sinara Foss: Não sei se existe uma transição, até porque no meu novo livro de contos, *Na Escola Tínhamos Sonhos*, que sairá no início de 2026 pela GOG Editora, há contos com as duas temáticas, então voltarei ao horror social. Talvez violência patriarcal e natureza sejam os temas que comporão minha obra até o fim, porque é disso que sou feita. Não consigo escrever sobre o que não existe, ou não tem pelo menos, um reflexo dentro de mim.

Entrevistadores: Essa conexão com o "ser feita de natureza" instiga-nos a aprofundar a

gênese dessa sensibilidade. O horror ecológico em sua obra não parece ser apenas um artifício de gênero, mas uma extensão de uma vivência. De onde emana essa inspiração que coloca o vegetal como sujeito de direito e de vingança?

Sinara Foss: Sinto as árvores como seres vivos, amigas. Converso com as que eu plantei, eu as toco, abraço, capto a energia boa que delas emana. Muitas vezes, lasco um galhinho de uma árvore, planto e em poucos dias ele começa a brotar e a crescer. Se descuido, ele morre, se cuido, com carinho, ele vive. Plantas, árvores são vivas como nós, e considero matar uma árvore um crime. Minha cidade, graças a Deus ainda tem bastante área verde, e ao escutar o som da motosserra aqui da minha casa, me angustio, depende o dia, até choro. Penso, além da morte da própria árvore, em toda a vida que ela carregava, ninhos, alimento, abrigo para pássaros, insetos...

Entrevistadores: Nesse sentido, o insólito ficcional funcionaria, também, como uma ferramenta de ativismo, uma forma de conscientização através do choque estético?

Sinara Foss: Sim. Mas na hora que escrevo, não penso se vou conscientizar o leitor, esse tipo de coisa. No meu primeiro livro, *Memórias de um Cachorro Velho*, quando eu era adolescente, dizia que sim, que escrevi aquela história para que as pessoas se conscientizassem que os animais também sentem fome, dor, frio e medo. Que o leitor, sabendo como Xolo (o personagem principal que narra a história) se sentia, colocando-se no lugar dele, passasse a tratar melhor os animais. Mas agora, depois de tanto tempo, vejo que a arte, a literatura desempenha outros papéis que não somente esse. Para mim, escrever é catártico, descarrego sentimentos, libero emoções. Não raro eu choro ao escrever certos contos. No livro novo, por exemplo, tem ao menos três que me emocionam muito, talvez porque dialoguem mais comigo.

Entrevistadores: Falemos sobre a arquitetura do espaço. Vinha d'Alho foge do estereótipo da metrópole caótica e funciona como um microcosmo do Brasil profundo. Ao conceber essa cidade, houve um diálogo consciente com outros territórios ficcionais consagrados, como a Antares de Verissimo ou a Yoknapatawpha de Faulkner?

Sinara Foss: O que eu pensei ao criá-la? No início pensei em criar uma cidadezinha para que eu pudesse afastar os personagens e enredos da cidade onde vivo, que é pequena e todos se conhecem. Como leitora adolescente, gostei muito de ler sobre os personagens que viviam em Santa Fé, Antares do Erico Verissimo e Pau d'Arco do Charles Kiefer, para citar alguns gaúchos. No período de faculdade, na cadeira de Literatura Americana, li Faulkner, me apaixonei pela cidade de Yoknapatawpha County, amava seguir o mapa, me situar onde cada história tinha acontecido e pensei: "Um dia vou criar uma cidade, povoada pelos meus próprios personagens". Ah, e depois, Macondo... Dispensa comentários. Sem palavras, que inspiração! Alguém um dia me disse que para escrever bem, tu tens que começar imitando os teus autores favoritos e depois,

tu largas a mão deles e constróis então o teu caminho.

Entrevistadores: E quais tensões sociais específicas essa ambientação "pacata" lhe permite denunciar?

Sinara Foss: O compartilhamento de um mesmo espaço por pobres e ricos, empregador e empregado, pessoas instruídas e analfabetos... O que motivou a concepção desse espaço foram os sentimentos que isso ocasiona em cada um, como cada um recebe a visão do outro sobre si. Mulheres (muitas vezes traídas) e seus maridos. Gosto muito de observar essa interação e imaginar pensamentos. Uma cidade do interior onde todos se conhecem traz a tradição firmada sobre o machismo, traições, preconceitos sobre as minorias e a arrogância dos que têm propriedades sobre os que não possuem bens materiais. É um ambiente muito propício para a criação de enredos. Tudo pode acontecer. Então criei Vinha d'Alho, quase uma homenagem à minha terra. Um nome composto, sonoro, com um tempero português, porque a região onde nasci, o litoral do Rio Grande do Sul, teve em sua maioria a colonização portuguesa.

Entrevistadores: A crítica acadêmica, como observado em estudos recentes de Knapp e Brezolin (2024), tem situado sua obra na confluência do neofantástico e do ecofeminismo. Como autora, como é o seu relacionamento com essas leituras teóricas? Elas retroalimentam sua escrita ou o processo permanece estritamente intuitivo?

Sinara Foss: Escrevo o que sinto, ou sobre ideias que surgem do nada, quando dirijo na autoestrada, caminhando ou no chuveiro. Depois do texto publicado, quando vejo um texto acadêmico, procuro essas teorias e vejo que as análises dão certo, combinam. Aprendo com elas. Isso me alegra. Algo que escrevo intuitivamente, casa-se com uma teoria literária. Isso talvez queira dizer que estou no caminho certo, e esteja escrevendo como meus colegas autores contemporâneos. Minha escrita, meu processo criativo nasce dos meus sentimentos frente aos absurdos que eu vejo ou vivenciei, ou até mesmo dos pensamentos estranhos que fazem parte dos meus dias.

Entrevistadores: A metamorfose corporal em "Fotossíntese" (2023) é radical. Essa fusão do humano com o vegetal pode ser lida para além da fuga da violência? Seria, também, uma recusa da própria condição humana, historicamente sinônimo de dominação, em busca de uma existência pós-humana?

Sinara Foss: É maravilhosa a recepção e a infinidade de ideias de leitores a partir do conto "Fotossíntese" (2023). Como um conto fantástico sem explicação, que extrapola as leis naturais, ele abre um leque de alternativas e cada leitor terá a sua. Conversando com leitores [...] eu me admiro e me pergunto o que os levou a chegar àquela conclusão. Não gosto de definir o que eu pensava quando escrevi a história. Ao ser lido, o conto deixa de ser somente do autor. Aí que está

a beleza da literatura. Ingrid Bard, filha da escritora Roberta Bard, teve essa leitura com a ótica de seus nove anos de idade: “O que aconteceu na vida dela que fez ela virar uma árvore? Será que ela era uma adolescente que não gostava da vida e ficava só no quarto? Ou ela sentia dor e tristeza porque os pais estavam separados?”

Entrevistadores: Seu ativismo intersecta a defesa dos animais e os direitos humanos. Você percebe uma mesma lógica de poder operando tanto na violência contra a natureza quanto na opressão de corpos marginalizados? A vingança em seus contos seria uma resposta a essa estrutura única de dominação?

Sinara Foss: Sim, é a mesma lógica. É a sensação de superioridade. O branco e o preto, o marido e a mulher, a mulher bonita e a feia, o rico e o pobre, os seres humanos e os animais... E talvez o que eu faça na minha literatura seja inconsciente, pois a injustiça é algo que me machuca muito. Talvez eu pense então: pelo menos nos meus contos haverá um revide. Pelo menos meus personagens conseguirão dar o troco àqueles que os oprimem.

Entrevistadores: E por que o insólito? Foi uma escolha deliberada pelo gênero para metaforizar essas denúncias?

Sinara Foss: Leio muito literatura fantástica, meu estilo de filme favorito é suspense, terror, então acho que é normal que eu escreva literatura fantástica. Acho, também, que eu escrevo o que gostaria de ler. Sem dúvida, o gênero fantástico permite ao autor ter as ideias mais absurdas e estranhas. E ideias assim, é comigo mesmo.

Entrevistadores: O que dita a atmosfera das suas narrativas?

Sinara Foss: Minha estação favorita é o inverno, quando ficamos mais dentro de casa, temos que acender o fogo pra nos aquecermos. No inverno eu me inspiro, é no inverno que eu escrevo mais. A serração, o frio e a chuva fazem minhas ideias surgirem. Enquanto escrevia os contos do novo livro, *Na escola tínhamos sonhos*, lia alguns livros. Três autores em especial influenciaram na feitura de alguns contos, servindo como gatilho: Júlio Cortázar, Emir Rossoni e João Carrascoza.

Entrevistadores: O horror latino-americano contemporâneo tem sido marcado por vozes femininas potentes, de Mariana Enríquez a Mónica Ojeda. Você sente que há uma sensibilidade compartilhada, uma espécie de “gótico hemisférico”, que une essas autoras na forma de denunciar as violências do continente?

Sinara Foss: Primeiramente, fico lisonjeada e feliz de meu nome estar entre essas autoras que eu admiro tanto. Respondendo à tua pergunta, acho sim. Através do horror que enxergamos à nossa volta com nossa sensibilidade, queremos impactar com nossos escritos. Ao impactar, estamos chamando a atenção sobre aquele aspecto. E há algo muito interessante que acontece com

as autoras contemporâneas latino-americanas: é como se algo, uma nuvem de pensamentos e ideias, pairasse sobre todas nós ao mesmo tempo, e cada uma escrevesse sobre aquele assunto, aquele problema da sua maneira, com sua própria voz. Ou melhor, como se todas nós nos encontrássemos durante a noite em um local etéreo literário e compartilhássemos nossas ideias.

Entrevistadores: Apesar do tom sombrio, o final do conto "Fotossíntese" (2023), com a protagonista sendo cuidada pela mãe, sugere uma ruptura. Diante disso, gostaríamos de entender a ética que rege o seu universo: existe, em meio à brutalidade de Vinha d'Alho, espaço para a esperança ou para um modelo de justiça restaurativa?

Sinara Foss: Justiça no universo de Vinha d'Alho parece ser a "justiça com as próprias mãos". Os próprios personagens decidem o que é justiça: a natureza se vinga, as mulheres traídas matam caso não sejam os personagens, uma força maior (e fantástica ou estranha) surge e a justiça acontece.

Entrevistadores: Para encerrarmos, olhemos para o horizonte de expectativas de sua produção. Quais são os próximos passos nessa cartografia literária?

Sinara Foss: Tenho o *Na escola tínhamos sonhos* nas mãos do editor André Roca, da GOG Editora (mas talvez ele escolha outro nome), que está planejado para ser lançado em março de 2026, e já tenho pronta também a premissa de um romance que pretendo escrever. Vou me debruçar sobre ele assim que o verão terminar (já falei que só gosto do outono e inverno?). Estou sempre aberta a parcerias e projetos. Tenho participado de antologias com colegas escritores. Agora, por exemplo, o livro *Suspeita*, antologia organizada pela Gabriela Silva, está sendo lançado. E outro, *Carnívoras*, com contos de escritoras de terror de todo o Brasil, será lançado no início do próximo ano, organizado pela Amanda Leonardi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo com Sinara Foss confirma a hipótese de que o insólito contemporâneo, longe de ser uma fuga da realidade, constitui uma ferramenta afiada de enfrentamento. Ao longo da entrevista, fica evidente que a construção de "Vinha d'Alho" e a transição do horror social para o que chamamos de "vingança ecológica" não são movimentos aleatórios, mas reflexos de uma autoria consciente de seu tempo e de seu território. A aparente distância entre o rigor conceitual das perguntas e o caráter marcadamente intuitivo das respostas de Sinara Foss não configura uma fragilidade; pelo contrário, constitui um dado analítico valioso que confirma as premissas do ecofeminismo. Ao afirmar que "escreve o que sente" e detalhar sua angústia física ao ouvir o som de uma motosserra , Foss materializa empiricamente o que a fortuna crítica (Knapp; Brezolin,

2024) identifica em sua prosa. O processo criativo da autora recusa a divisão cartesiana e patriarcal entre Cultura e Natureza; sua simbiose com o vegetal funciona como o motor afetivo que gera a "fúria verde" de Vinha d'Alho. Onde a teoria enxerga "justiça pós-humana", a escritora vivencia uma catarse afetiva e de descarrego emocional , demonstrando que a agência política de sua literatura brota de uma reação visceral às opressões reais.

Além disso, o desvio de certas respostas para o campo das reminiscências pessoais e da recepção cotidiana, tal como a menção à leitura infantil de Ingrid Bard sobre o conto "Fotossíntese", ilumina a plasticidade e a recepção do insólito ficcional. Como postulam Ferreira e Trevisan (2024a, 2024b), o fantástico contemporâneo atua como um sismógrafo de violências extratextuais, por isso, quando uma criança de nove anos projeta na metamorfose vegetal o trauma do divórcio dos pais , evidencia-se que a alegoria biológica de Foss abdica do controle autoral para se tornar um receptáculo polissêmico de fraturas sociais e domésticas. A anedota da recepção, portanto, valida a teoria: o horror ecológico na obra da autora é indissociável do horror social.

Por fim, a filiação declarada a territórios como a Macondo de García Márquez, a Yoknapatawpha de Faulkner e a Antares de Verissimo situa Vinha d'Alho em uma sólida tradição de geografias analógicas. Vinha d'Alho funciona como um microcosmo do Brasil profundo, em que as tensões entre ricos e pobres, patrões e empregados, e a perpetuação do machismo estrutural encontram no insólito o único canal possível de revide e reparação poética.

Desta maneira, para os estudos literários e para o ensino de literatura, as falas da autora oferecem chaves de leitura valiosas porque demonstram como a ficção pode articular dores individuais e coletivas, transformando o trauma em narrativa de revide. Foss nos lembra que a literatura de autoria feminina, ao fundir o corpo da mulher ao corpo da natureza, propõe novas epistemologias onde a vítima recupera sua agência, seja pela garra, seja pela raiz. Fica o convite para que pesquisadores e educadores explorem esse universo em que o medo cede lugar à justiça poética e, por vezes, brutal.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Lucas Matheus da Silva de; ANTUNIASSI, Julia D'auria. Antes só do que mal acompanhado: A vingança como face do horror nos contos "Se você não for, será pior" e "Aos pedaços", de Sinara Foss. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, *[S. l.]*, v. 23, n. 3, 2024. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/16347. Acesso em: 8 jan. 2026.

FARIA, Daniele Ribeiro de; BARBOSA, Vanderlei. Interconexões entre literatura e estudos pós-estruturalistas: possibilidades investigativas para as representações de gênero e sexualidade. **Revista Literatura em Debate**, v. 14, n. 26, p. 129-144, jul./dez. 2020. Acesso em: 3 jan. 2026.

FERREIRA, Cláudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia. A vingança é um prato que se come frio! O protagonismo feminino à luz do insólito em contísticas contemporâneas latino-americanas. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; ROCHA, Guilherme Magri da (Org.). **Literatura e Cultura**: Incursões em Experiências Estéticas. Assis: Editora Unesp, 2024a. p.78-90.

FERREIRA, Claudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia. Nas enigmáticas veredas do insólito ficcional: algumas ponderações sobre o protagonismo feminino. *In*: FERREIRA, Claudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia; ANTUNIASSI, Julia D´Auria; CARVALHO, Lucas Matheus da Silva de. **Nas teias do insólito**: diálogos e perspectivas teórico-analíticas sobre narrativas literárias. Campinas: Pontes, 2024b. p. 17-83.

FOSS, Sinara. **Plural de fêmeas**. Porto Alegre: Class, 2021.

FOSS, Sinara. **Fotossíntese e outros processos de sobrevivência**. Porto Alegre: Gog/Bestiário, 2023.

KNAPP, Cristina Loff; BREZOLIN, Alana. O neofantástico na narrativa de Sinara Foss: análise do conto "Fotossíntese". Terra Roxa e Outras Terras: **Revista de Estudos Literários**, *[S. l.]*, v. 44, n. 2, p. 69–81, 2024. DOI: 10.5433/1678-2054.2024vol44n2p69. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/50321. Acesso em: 8 jan. 2026.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. **Fantástico brasileiro**. O insólito literário do Romantismo ao Fantasismo. Curitiba: Arte & Letra, 2019.

NESTAREZ, Oscar. **Uma história da literatura de horror no Brasil***:* autorias e fundamentos. 2022. 198p. Tese (Doutorado em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa) — Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOBRE OS AUTORES

Lucas Matheus da Silva de Carvalho
Professor da Prefeitura Municipal de Londrina/Paraná, onde atua com os anos iniciais do Ensino Fundamental. Atua, concomitantemente, como Tutor do curso de Graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Doutorando em Estudos da Linguagem pelo programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UEL, linha de pesquisa: Construções e processos identitários, da área de estudos literários. Também possui: especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela licenciatura em Pedagogia pela Unifatecie, sendo que, ao nível médio, realizou o curso Normal (Magistério) no Colégio Estadual Cristo Rei - Cornélio Procópio/Paraná. Como membro da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) busca articular sua produção científica com o fortalecimento de uma educação para a justiça social. Interessa-se por estudos nas áreas de Letras e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: masculinidades negras em narrativas literárias; leitura literária; literatura e ensino; formação do leitor; pedagogia antirracista; representações da mulher

em narrativas contísticas insólitas contemporâneas.
E-mail: lucas.matheus.silva@uel.br

Cláudia Cristina Ferreira
Possui graduação em Direito (1995) pela Universidade Estadual de Londrina, Letras Anglo-Portuguesas pelas Faculdades Integradas de Naviraí (1998), graduação em Letras Hispano-Portuguesas pela Faculdade Paranaense (2004), mestrado em Letras (2002) e doutorado em Estudos da Linguagem (2007), ambos pela Universidade Estadual de Londrina. É pós-doutora em Estudos da Tradução (2020) pela Universidade Federal de Santa Catarina e pós-doutora em Letras (2024) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professora associada de espanhol no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas na UEL desde 2007. Coordena os projetos: Representações da mulher em narrativas insólitas contemporâneas: da invisibilidade ao protagonismo; Letramentos, fraseologia e aspectos culturais de mãos dadas no processo de ensino e aprendizagem de línguas adicionais e na formação de professores: diálogos e perspectivas teórico-práticas. Vice-chefe do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (05/2024-03/2026). Foi Coordenadora Pedagógica do Laboratório de Línguas (2020-2022) e Coordenadora do Colegiado dos Cursos do Departamento LEM (12/2022-10/2024). Também foi Editora-chefe da Semina Ciências Sociais e Humanas (UEL 2015 a 2018). Foi membro do corpo editorial dos seguintes periódicos: Entrelinhas (UEL 2001) e Entretextos (UEL 2006 e 2009). Contribui como parecerista de artigos submetidos a diversos periódicos, dentre eles: Signum: Estudos da Linguagem (UEL desde 2014); Estação Literária (UEL desde 2016); Calidoscópio (UNISINOS desde 2015); Languague and culture acta scientiarum (UEM 2019); Revista X (UFPR 2019). É vice-chefe do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (2025 - 03/2026). Tem experiência na área de Língua Espanhola, atuando, sobretudo nos temas: ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira/adicional, Fraseologia, Estudos da Tradução, Análise de material didático, Multimodalidades, Letramentos, Linguística Contrastiva e Literatura Fantástica.
E-mail: claucrisfer@uel.br

Artigo recebido em: 14/01/2026.
Artigo aceito em: 17/05/2026.